



# **As estratégias de João Havelange para enfraquecer o futebol olímpico**

*Sérgio Settani Giglio*

## resumo

A proposta deste artigo é apresentar as estratégias de João Havelange quando assumiu a presidência da Fifa (1974). Uma de suas estratégias foi enfraquecer o futebol olímpico com a criação de uma Copa do Mundo Júnior (1977) e produzir a ideia para os jovens atletas de que a Copa do Mundo era a principal competição. Em 1992, como último ato de restrições, a Fifa implementou o limite de idade para participação no futebol olímpico. As estratégias de Havelange na presidência da Fifa representam a atualização dos conflitos entre o COI e a Fifa em relação ao controle das regras referentes ao futebol. E, portanto, fornece um caminho para compreender como ações políticas separaram essas duas competições, produzindo discursos diferentes em torno delas.

**Palavras-chave:** futebol olímpico; Copa do Mundo Júnior; João Havelange; COI; Fifa.

## abstract

*This article seeks to present João Havelange's strategies when he took office as Fifa president in 1974. One of his strategies was to weaken Olympic football by creating the Fifa World Youth Tournament in 1977, an action aiming to strengthen Fifa World Cup, and trying to breed in the young athletes the idea that the World Cup was the most important football competition. In 1992, in its last constraining act, Fifa imposed an age limit on Olympic football tournaments. Havelange's strategies triggered the conflict between IOC and Fifa over the control of football regulations. In this context, one can understand how the political actions divided those two competitions, giving rise to different discourses about those two tournaments.*

**Keywords:** *Olympic football; Fifa World Youth Tournament; João Havelange; IOC; Fifa.*

## AS RAÍZES HISTÓRICAS DAS DISPUTAS ENTRE O COI E A FIFA

**N**o dia 20 de agosto de 2016, quando o árbitro apitar o fim de jogo, estará encerrada a 27ª final do futebol olímpico masculino. Em meio à alegria dos campeões e à tristeza da seleção derrotada, os atletas receberão as medalhas das autoridades olímpicas e do presidente da Fifa. O que não estará explícito nesse harmonioso ritual é a complexa trama historicamente constituída no futebol olímpico entre o COI e a Fifa pelo controle das regras do amadorismo e do profissionalismo.

O ponto central dessa discussão foi publicada no primeiro *Boletim Olímpico* e naquele momento temia-se que um atleta amador pudesse ser corrompido pelas tentações capitalistas de obter lucro a partir de seu desempenho esportivo<sup>1</sup>. Concomitantemente a esse debate, o futebol passou a integrar os Jogos Olímpicos.

Na primeira edição olímpica (1896), a modalidade não esteve presente porque nenhum país se interessou em competir com uma seleção de futebol e, nas duas edições seguintes (1900 e 1904), apesar de poucas seleções inscritas, o futebol passou a integrar o programa como modalidade exibição. Nos Jogos de 1908, houve pela primeira vez a participação da Fifa, sendo que naquele momento

tanto o COI quanto a Fifa concordavam com as restrições que validavam apenas a participação dos amadores. Foi por ocasião dos Jogos Olímpicos de 1912 que, pela primeira vez, se questionou a presença do futebol no programa olímpico. O questionamento revelava que essa modalidade já atraía os trabalhadores para a sua prática. Vale ressaltar que a origem do COI é aristocrática e, como organizadores do evento, queriam manter a sua competição restrita para esse grupo (Giglio, 2013).

Após a suspensão por conta da Primeira Guerra Mundial, os Jogos Olímpicos tiveram uma nova fase durante a década de 1920. O debate vigente no COI era a respeito da participação dos trabalhadores nos Jogos Olímpicos e a busca de resolução sobre a compensação por perda de salário. Em suma, buscavam a resposta para a pergunta: Quem pagaria o salário do trabalhador quando ele estivesse nos Jogos Olímpicos?

A princípio a Fifa e o COI concordavam que os atletas não deveriam receber compensação por perda de salário, já que esse tipo de pagamento representaria ganho financeiro e o atleta nessa condição deveria ser considerado profissional, sendo, portanto, impedido de participar dos Jogos Olímpicos. Essa discussão sobre a compensação por perda de salário era o indicativo de que o ideal

---

**SÉRGIO SETTANI GIGLIO** é professor do Departamento de Educação Física e Humanidades e coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Humanidades (Gepeh) da Universidade Estadual de Campinas.

---

1 *Bulletin du Comité International des Jeux Olympiques*, n. 1, julho de 1894, pp. 1-4. Amateurism et professionalism.

do amadorismo pautado por aquele que praticava esporte no tempo livre e por prazer estava em mudança, pontuando que naquele momento não somente a aristocracia se fazia presente nas competições (Giglio, 2013; 2014).

O auge da tensão promovida por esse debate aconteceu quando a Fifa mudou de posicionamento. Se, em um primeiro momento, a Fifa concordou com o COI que o atleta amador era aquele que não recebia compensação por perda de salário<sup>2</sup>, posteriormente a Fifa passou a aceitar algumas exceções para o pagamento quanto ao salário perdido gerado pelo tempo de afastamento (*broken time*). O COI manteve seu posicionamento contrário ao ressarcimento pela perda de salário por considerar que essa ação feria a essência do amadorismo. Como consequência dessa decisão da mudança de posicionamento da Fifa, a Associação Britânica de Futebol se desfilou da entidade<sup>3</sup>.

O embate travado entre o COI e a Fifa pela definição das regras do amadorismo representava a luta pelo controle do esporte e, por consequência, do poder que uma entidade poderia exercer sobre a outra caso sua definição fosse aprovada. Esse duelo se iniciou no Congresso do COI realizado em Praga, em 1925, e se estendeu até o final dos Jogos Olímpicos de Amsterdã 1928. Nesse momento, diante das divergências entre o COI e a Fifa, ficou decidido que o futebol não faria mais parte do programa dos Jogos Olímpicos de 1932 (Giglio, 2013; 2014; Giglio & Rubio, 2014).

Após sintetizar os acontecimentos pelos quais passou o futebol dentro dos Jogos Olímpicos e apresentar como se estruturou o embate entre o COI e a Fifa pelo controle da definição das regras do amadorismo, na sequência do texto discuto como, cinco décadas depois dessa divergência entre o COI e a Fifa, João Havelange, eleito presidente da Fifa (1974), planejou suas ações com o objetivo de enfraquecer o futebol nos Jogos Olímpicos para valorizar a Copa do Mundo. Enfim, procuro

explorar como as disputas entre as duas entidades continuavam na pauta esportiva mesmo 50 anos depois das divergências que culminaram na criação da Copa do Mundo de Futebol.

Para construir a relação entre o embate pelas definições das regras do amadorismo e a ação de João Havelange, como presidente da Fifa, recorro à entrevista realizada com Havelange em 2012<sup>4</sup>, às informações contidas nos *Boletins Olímpicos* do COI e nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Essas diversas fontes foram consultadas como forma de explorar diferentes registros sobre seu posicionamento acerca do tema em questão.

## HAVELANGE QUER ENFRAQUECER O FUTEBOL OLÍMPICO

Antes de Havelange ser eleito presidente da Fifa, atuou por 17 anos (1958-75) como presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Como presidente da CBD, Havelange era responsável pela gestão de todos os esportes, mas utilizou-se do futebol como plataforma política para concorrer à presidência da Fifa muitos anos depois de entrar para a CBD.

Havelange chegou ao poder da Fifa em 1974, quando derrotou o inglês Stanley Rous, que acumulava 13 anos de presidência da entidade (1961-74). Rous era visto como reacionário, enquanto Havelange era considerado um progressista que queria reformar o futebol. Caso conquistasse a presidência da Fifa, o plano de ação de Havelange estava amparado em oito pontos<sup>5</sup>:

- 1) aumento do número de seleções de 16 para 20 na Copa de 1978 e de 20 para 24 na Copa de 1982;
- 2) a criação da Copa do Mundo de Futebol Júnior a partir de 1976, a ser realizada a cada quatro anos;
- 3) a construção, em Zurique, de uma moderna sede para a Fifa;
- 4) ajuda material para as federações dos países em desenvolvimento;

2 *Bulletin Officiel du Comité International Olympique*, n. 1, janeiro de 1926, p. 11. Meeting of the Executive Committee. Paris, November/1925, p. 18. Recommendations adopted at the Prague Congress.

3 *Bulletin Officiel du Comité International Olympique*, n. 9, dezembro de 1927, pp. 1-4. Minutes of the Meeting of the Executive Committee Sunday, 30<sup>th</sup> October, (afternoon) and Monday, 31<sup>st</sup> October (morning and afternoon).

4 A entrevista foi realizada para o projeto de pesquisa "Memórias Olímpicas por Atletas Olímpicos", coordenado pela professora Katia Rubio.

5 *Olympic Review*, n. 80-81, Fédération Internationale de Football Association (Fifa), julho-agosto de 1974, p. 367.

- 5) subsídios para a construção de grandes estádios;
- 6) cursos intensivos para juizes, médicos, treinadores e organizadores;
- 7) engajamento de médicos, técnicos e *experts* para os países em desenvolvimento;
- 8) ampliação das competições de clubes nos continentes asiático e africano.

Pelo fato de possuir essa lista de ações a serem implantadas, Havelange, ao ser eleito presidente da Fifa, foi chamado pela imprensa internacional de “presidente das reformas”<sup>6</sup>. Dos pontos apresentados na candidatura de Havelange, vou me deter somente ao item 2: a criação da Copa do Mundo de Futebol Júnior.

O futebol olímpico sofria há algum tempo restrições quanto à participação dos atletas que haviam disputado as eliminatórias ou a própria Copa do Mundo, e isso voltaria a acontecer nos Jogos Olímpicos de Montreal 1976. É nesse cenário que a visão de Havelange se encaixa perfeitamente com a postura que a Fifa historicamente havia adotado em termos das restrições impostas ao COI.

Sua proposta de candidatura era iniciar essa Copa do Mundo em 1976 com periodicidade de quatro anos para rivalizar com os Jogos Olímpicos. Havelange, como conhecedor do campo esportivo (Bourdieu, 1983) do qual era integrante, sabia que para valorizar seu principal produto teria que enfraquecer o futebol nos Jogos Olímpicos e, para isso, utilizou o foro privilegiado que tinha como presidente da Fifa e membro do COI para colocar em ação a sua estratégia, conforme veremos na sequência do texto.

Havelange publicou um texto no *Boletim Olímpico*<sup>7</sup> em que detalhava suas duas propostas como presidente da Fifa. Apresentadas como “Project 1” e “Project 2”, ambas haviam sido enviadas para o Comitê Executivo da Fifa. O Projeto 1 previa o desenvolvimento do futebol em 100 países membros da Fifa e o Projeto 2, a organização da Copa do Mundo de juniores para atletas sub-19.

Apesar de os dois projetos terem sido aprovados por unanimidade pelo Comitê Executivo da Fifa,

Havelange precisou procurar patrocinadores porque não havia orçamento disponível para a realização dos projetos. A empresa que se interessou foi a Coca-Cola e, com um investimento de US\$ 1.400.000 para o Projeto 1 e de US\$ 1.600.000 para o Projeto 2, passou a ter a sua marca associada ao nome dos projetos. Desse modo, o Projeto 1 passou a ser chamado de “Fifa/Coca-Cola World Football Development Programme” e o Projeto 2, de “Fifa World Youth Tournament for the Coca-Cola Cup”, sendo que a empresa propôs parceria para a organização das quatro primeiras edições, que seriam realizadas em 1977, 1979, 1981 e 1983. Portanto, essa competição teria periodicidade diferente do que havia sido apresentado na sua candidatura.

A partir desse quadro que permitiria enfraquecer o futebol olímpico, Havelange buscava ampliar a sua ação para garantir o sucesso de sua estratégia, que se iniciava com a Copa do Mundo para os juniores, mas não se restringia a ela. Em um congresso realizado em Buenos Aires, a Fifa propôs impedir a participação nos Jogos Olímpicos dos atletas das federações europeias e da América do Sul que tivessem disputado a Copa de 1978, sendo que essa limitação não valeria para as demais federações<sup>8</sup>.

Novamente a divergência de opiniões colocava a Fifa e o COI em lados opostos. Enquanto o COI apontava a ação da Fifa como uma “discriminação geográfica”, a Fifa, por meio de Havelange, ameaçava com “[...] a retirada do futebol dos Jogos Olímpicos de 1980”<sup>9</sup>. Vale ressaltar que essa medida já havia sido implantada por ocasião dos Jogos Olímpicos de 1960, quando a Fifa também impediu que os atletas que haviam disputado a Copa de 1958 participassem do torneio olímpico. Havelange reatualizava a restrição para enfraquecer o futebol olímpico, especialmente os países do Leste Europeu, que utilizavam as mesmas seleções tanto para os Jogos Olímpicos quanto para a Copa do Mundo, sob a justificativa de que não existia profissionalismo nesses países e, portanto, todos eram amadores.

Os organizadores dos Jogos de Moscou relutaram, mas foram obrigados a aceitar essa condi-

6 “Começou o Reinado Havelange”, in *Folha de S. Paulo*, 12 de junho de 1974, p. 19.

7 “Two Initiatives by the Fédération Internationale de Football Association”, in *Olympic Review*, n. 113, março de 1977, pp. 165-6.

8 *Olympic Review*, n. 128, junho de 1978, p. 401. Fédération Internationale de Football Association (Fifa). Moscow 1980.

9 “Futebol Pode Não Ir a Moscou”, in *Folha de S. Paulo*, 14 de novembro de 1978, p. 38.

ção proposta pelo presidente da Fifa, João Havelange. Lord Killanin, então presidente do COI, como forma de demarcar os espaços de poder entre o COI e a Fifa, declarou que as regras das federações internacionais referentes aos Jogos Olímpicos deveriam passar por aprovação prévia. No comunicado fornecido à imprensa, o COI ressaltou sua discordância com a determinação da Fifa, mas que a aceitaria para não prejudicar as seleções classificadas. Para o COI, um atleta somente estaria impossibilitado de participar dos jogos caso não se enquadrasse nos itens da regra 26 (elegibilidade dos atletas)<sup>10</sup>.

Havelange era a favor do fim do futebol nos Jogos Olímpicos por considerar que os países socialistas tinham equipes profissionais que, sob a chancela do amadorismo, possuíam vantagem frente aos demais países. Para ele, não havia espaço para o futebol olímpico:

“O primeiro campeonato [mundial juvenil], em Túnis, foi um sucesso absoluto. Simplesmente porque fixamos a idade limite em 19 anos e não nos importamos com a categoria dos jogadores, seja amador ou profissional. Com a idade limitada, prevalece o equilíbrio entre todos os participantes. Isto é o que se chama competição em condições de igualdade. Assim, prefiro que o futebol se limite aos campeonatos mundiais de adultos e o juvenil”<sup>11</sup>.

O presidente da Confederação Sul-Americana de Futebol, Teófilo Salinas, corroborava o pensamento de Havelange e defendia a saída do futebol do programa olímpico. Para a estrutura do futebol mundial, era fundamental que a concepção da Fifa fosse validada por quem estava abaixo dela no sistema hierárquico. Dessa forma, segundo Salinas:

“O futebol para os Jogos Olímpicos está muito desvirtuado. As equipes socialistas jogam com uma seleção permanente e os jogadores são remunerados como empregados, enquanto na América do Sul, com o simples fato de não se registrar

um jogador na Federação, é denominado amador, coisa que não é certa como se pôde comprovar no pré-olímpico da Colômbia. Devido a essa circunstância, preferimos que se joguem torneios de menos de 20 anos e até 23, tipo Copa do Mundo, para ir *adestrando* os jogadores dos países participantes”<sup>12</sup> (grifo nosso).

Portanto, a busca para se criar uma tradição, no sentido de tradição inventada (Hobsbawm & Ranger, 1997), para os jovens frente a uma Copa do Mundo de juniores era uma ação planejada dentro da lógica dos dirigentes que compartilhavam dos mesmos ideais da Fifa. O que chama a atenção na fala de Salinas é a palavra “adestrar”, como se a Copa do Mundo para essa categoria fosse a única alternativa possível, limitando qualquer forma de questionamento por parte dos atletas.

A partir de 1980, a Fifa começou a fazer uma análise do torneio de futebol olímpico por meio de um grupo chamado Technical Study<sup>13</sup>. Esse documento pontuava que a principal competição do futebol era a Copa do Mundo e que o sucesso no torneio olímpico não revelava o auge de uma seleção; pelo contrário, poderia indicar uma fase de desenvolvimento da equipe. Para ilustrar os argumentos foi apresentado, a partir de uma escala – a Copa do Mundo –, o grau de importância de cada competição (Figura 1).

Como forma de justificar a menor importância do futebol olímpico, foi apresentada uma série de argumentos. O primeiro ponto destacado era a não paralisação dos campeonatos nacionais durante a realização do torneio olímpico; conseqüentemente, os atletas poderiam treinar com a seleção em apenas alguns momentos. Esse argumento era uma forma de evidenciar essa condição secundária do torneio, pois, caso contrário, se a competição fosse importante, haveria a paralisação total dos demais campeonatos de futebol. Entre os demais pontos negativos, eram apontados que a época em que acontecia a disputa do torneio olímpico coincidia com o período de férias dos atletas; o aumento do número de partidas por ano

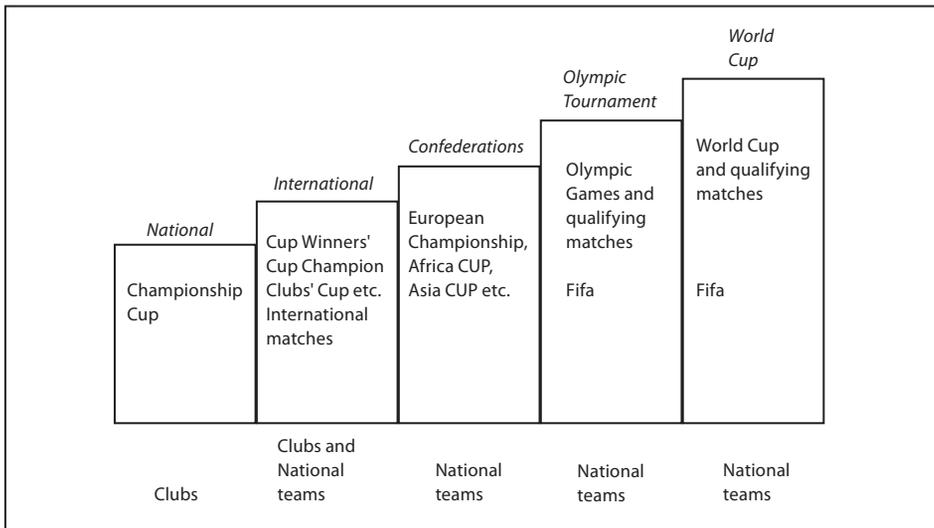
10 *Olympic Review*, n. 136, fevereiro de 1979, p. 72-73. Executive Board in Lausanne e The Olympic Football Tournament (press release).

11 “O Futebol Pode Ficar Fora do Pan e da Olimpíada”, in *Folha de S. Paulo*, 18 de agosto de 1979, p. 23.

12 “Salinas Não Quer Futebol na Olimpíada”, in *Folha de S. Paulo*, 14 de abril de 1980, p. 15.

13 *Olympic Football Tournament Moscow 1980 Technical Study*.

Quadro comparativo da importância dos campeonatos de futebol



Fonte: Olympic Football Tournament Moscow 1980 Technical Study, p. 91

(50-60 jogos) era capaz de não despertar o interesse dos jogadores para disputar outro campeonato além daqueles que teriam que participar.

Os pontos levantados para indicar uma menor importância do futebol olímpico eram uma consequência das ações da Fifa em promover seus produtos, os campeonatos de futebol. O resultado dessa promoção era verificado pelo aumento do número de partidas disputadas pelos jogadores devido à ampliação da quantidade de competições das quais os clubes participavam e, como a Fifa havia tido, historicamente, uma série de embates com o COI, ela não se preocupava em valorizar as competições que geravam retornos financeiros diretos para o COI; todo o seu calendário fazia com que pouco interesse fosse gerado em torno dos Jogos Olímpicos. Apesar dessa desvalorização, na sua escala hierárquica, a Fifa indicava que o torneio olímpico estava apenas abaixo da Copa do Mundo e dos torneios eliminatórios.

Para o torneio de futebol olímpico de 1984, a Fifa cogitou estabelecer o limite de idade em 23 anos, mas decidiu manter as mesmas regras de elegibilidade que haviam sido definidas para os Jogos de Moscou<sup>14</sup>, ou, nas palavras de Have-

lange, “sem limite de idade”<sup>15</sup>. Com isso, mantinha-se a restrição à participação dos atletas de futebol da América do Sul e da Europa que tivessem participado da Copa do Mundo ou das eliminatórias para a Copa<sup>16</sup>.

Em uma reunião entre representantes da Fifa e do COI, ficaram estabelecidas algumas restrições ao futebol olímpico: aos atletas que ganhavam a vida jogando futebol, ou seja, impedia a participação dos atletas profissionais; estava mantida, conforme já citado, a restrição aos atletas da América do Sul e Europa que disputaram jogos eliminatórios ou partidas da Copa do Mundo, e o COI ainda pontuava que a restrição se aplicava aos atletas que se utilizavam de drogas ou violência na prática do esporte<sup>17</sup>.

Apesar de estabelecido o acordo, a própria Fifa estudava aceitar a participação de atletas profissionais desde que não tivessem participado da Copa do Mundo, mas para isso ser aceito era preciso o

14 *Olympic Review*, n. 176, junho de 1982, p. 326. Eligibility.

15 “Havelange Desmente Mudanças das Regras”, in *Folha de S. Paulo*, 30 de abril de 1982, p. 24.

16 *Olympic Review*, n. 181, novembro de 1982, p. 691. Federation Internationale de Football Association (Fifa).

17 *Olympic Review*, n. 190-1, agosto-setembro de 1983, p. 603. Football. Eligibility of Football players for the Olympic tournament.

aval do COI. Após vários meses de reuniões, o COI e a Fifa chegaram a um acordo em que realmente mantinham os atletas profissionais fora dos jogos. “Cada entidade tinha uma opinião sobre a elegibilidade dos jogadores e, aparentemente, o Comitê Olímpico venceu”<sup>18</sup>.

No entanto, para os Jogos Olímpicos de 1984 a Fifa definiu que os atletas profissionais poderiam participar desde que não tivessem disputado jogos nas eliminatórias e/ou na Copa do Mundo e garantiu as regras que haviam sido estipuladas pelo próprio COI, desde 1981: eram as federações que deveriam estabelecer as suas normas para a elegibilidade dos atletas<sup>19</sup>.

Quatro anos depois de apresentar o quadro hierárquico dos campeonatos de futebol, a Fifa atualizava-o colocando o futebol olímpico em outro lugar. A participação olímpica fazia parte de uma escala proposta pela Fifa, que em seu relatório técnico mostrava a sua concepção: estruturava os campeonatos de forma entrelaçada, em que um campeonato de juniores deveria ser pensado em longo prazo, os Jogos Olímpicos, em médio prazo (algo em torno de dois anos) e a Copa do Mundo, em curto prazo. Essa relação entre os torneios é vista pela Fifa a partir de uma estrutura hierárquica que coloca a Copa do Mundo como a sua principal competição.

Esse entrelaçamento funcionaria como ciclos em que uma competição completaria a outra. O relatório apontava que alguns atletas que participaram da Copa do Mundo de juniores em 1977 estiveram presentes na Copa de 1982 e projetava-se que o mesmo viria a acontecer com os juniores de 1979-81, que poderiam ser encontrados na equipe olímpica e, posteriormente, figurar na Copa do Mundo de 1986, fechando um ciclo de longo prazo, algo em torno de cinco a sete anos de preparação<sup>20</sup>. Ao analisar a Copa de 1977, a Fifa pontuava que a experiência adquirida pelos

jovens nesse campeonato influenciou na qualidade das equipes nacionais<sup>21</sup>.

Apesar desses novos rumos do futebol dentro do programa olímpico, uma nova ameaça para retirar o futebol dos jogos voltava a aparecer. João Havelange, insatisfeito com o modo como a rede de televisão americana ABC fez a cobertura do futebol durante os Jogos de 1984 (apenas com *flashes*), tentava arrumar mais uma desculpa para decretar o fim do futebol nos Jogos Olímpicos e valorizar a Copa do Mundo. Ao mesmo tempo em que mostrava intenção, também indicava que o futebol seria disputado em Seul, mas já anunciava mudanças: “A princípio, todos que não participaram de Copas do Mundo poderão ser aproveitados, mas podemos limitar a idade a 23 anos. Depois de Seul, porém, o futebol pode deixar de ser uma modalidade olímpica”<sup>22</sup>. Tal posicionamento de Havelange também se apoiava no aspecto financeiro, já que o COI não dividia as rendas das partidas de futebol com a Fifa<sup>23</sup>.

A restrição fazia com que os melhores atletas não estivessem presentes nos Jogos Olímpicos e, para a Fifa, embora essa restrição pudesse produzir partidas de futebol de baixa qualidade técnica, a mesma era fundamental para não transformar os Jogos Olímpicos em mais uma Copa do Mundo.

Devido à insistência da Fifa em adotar essa nova definição quanto ao limite de idade, o Comitê Executivo do COI decidiu consultar os Comitês Olímpicos Nacionais sobre o assunto e não tomou nenhuma decisão sem ter um número de respostas sobre a questão colocada pela Fifa<sup>24</sup>.

Ficou decidido que seria realizada a experiência do limite de idade (23 anos) nos Jogos de Barcelona 1992 e que, após aquele ano, seria tomada uma decisão definitiva sobre o assunto<sup>25</sup>. Havelange jus-

18 “Olimpíada: Só Futebol Amador”, in *O Estado de S. Paulo*, 16 de julho de 1983, p. 21.

19 *Olympic Review*, n. 215, setembro de 1985, p. 537. Influential figures in sport: H.E. Mr. Juan Antonio Samaranch. Entrevista realizada com o presidente do COI, Juan Antonio Samaranch.

20 *Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Report*, p. 21. Selection of Players.

21 *Olympic Review*, n. 235-236, maio-junho de 1987, p. 278. Fifa.

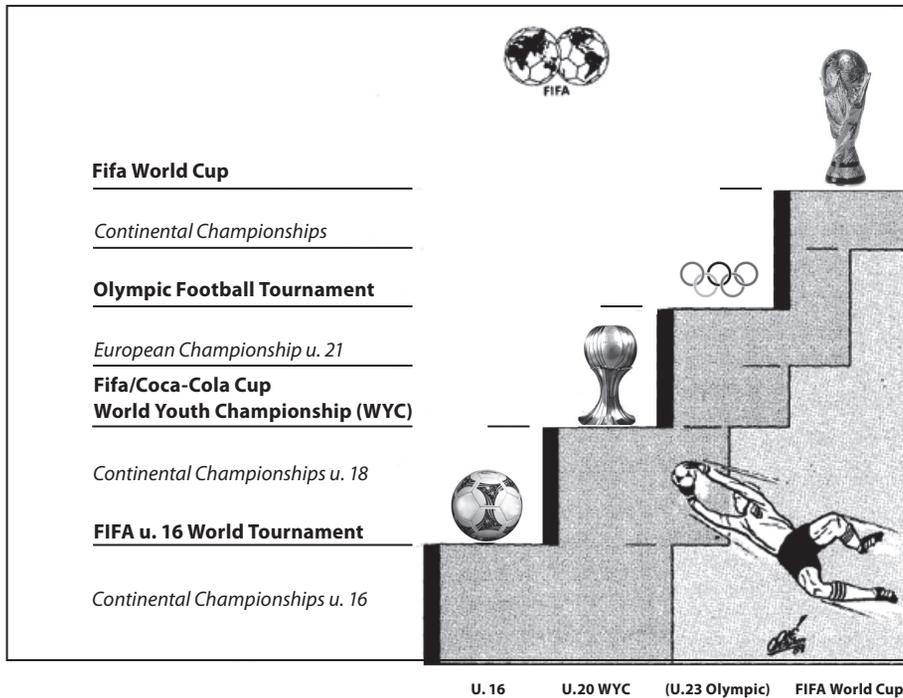
22 “Fifa Ameaça Retirar o Futebol em 1992”, in *O Estado de S. Paulo*, 14 de agosto de 1984, p. 24.

23 “Fifa e o Comitê Olímpico”, in *Folha de S. Paulo*, 30 de novembro de 1984, p. 24.

24 *Olympic Review*, n. 255-256, janeiro-fevereiro de 1989, p. 16. Other decisions; *Olympic Review*, n. 259, maio de 1989, pp. 193-4. Secure games.

25 *Olympic Review*, n. 263-264, setembro-outubro de 1989, p. 439. Definitive Inclusion of Tennis; *Olympic Review*, n. 263-264, setembro-outubro de 1989, p. 441. IOC Eligibility Commission.

Estrutura hierárquica dos campeonatos promovidos pela Fifa



Fonte: Olympic Football Tournament Los Angeles 1984 Technical Study, p. 23

tificava a implantação do limite de idade ao afirmar que “[...] o futebol tem características distintas” e que “as Olimpíadas não são a única competição de importância para os jogadores de futebol”<sup>26</sup>.

A restrição proposta pela Fifa tinha a intenção de que a Copa do Mundo não perdesse a sua condição de principal competição do futebol e, segundo o secretário geral Joseph Blatter, a Fifa “não quer fazer uma prévia da Copa do Mundo durante a Olimpíada”<sup>27</sup>. O COI não concordava com o posicionamento da Fifa e afirmava que não estava “[...] interessado em organizar um ‘torneio da juventude’ mesmo se, com essa medida, a Fifa queira assegurar a prioridade da Copa do Mundo. Seria melhor não ter o torneio em vez de ter um pela metade”<sup>28</sup>.

26 “Fifa Limitará Idade a partir de 92”, in *O Estado de S. Paulo*, 22 de fevereiro de 1986, p. 23.

27 “Fifa Não Aceita a Participação de Jogadores que Disputaram Mundiais”, in *Folha de S. Paulo*, 17 de setembro de 1988, p. D5.

28 “Em 92, Futebol Olímpico Poderá Ter Jogadores que Já Disputaram Copas”, in *Folha de S. Paulo*, 15 de setembro de 1988, p. D3.

Após os Jogos de Barcelona 1992, essa experiência do limite de idade de 23 anos para os atletas do futebol se efetivou nas edições seguintes. Uma pequena alteração foi aplicada, para os Jogos de Atlanta 1996, ao ser autorizado que cada seleção poderia convocar até três atletas com mais de 23 anos para disputar a fase final dos Jogos Olímpicos<sup>29</sup>. Esse período dos Jogos Olímpicos (1992 a 2012 e certamente as edições seguintes) deve ser analisado de modo particular porque revela novas configurações do futebol, em que se estabeleceu uma lógica particular: agora são os jogadores que circulam, ou, nas palavras de Rial (2008), “rodam”, e não mais os clubes com suas excursões ao exterior que fizeram parte, por exemplo, da história dos atletas brasileiros amadores que defenderam a seleção no torneio de futebol olímpico. E se as seleções brasileiras das décadas de 50-70 foram

29 *Olympic Review*, n. 306, abril de 1993, p. 157. Star solution for games; *Olympic Review*, n. 312, outubro-novembro de 1993, p. 413. Mountain bike, beach volleyball and women’s football.

formadas por atletas que atuavam no Brasil, muitos de equipes de menor expressão no contexto futebolístico nacional, esse período que coincide com o limite de idade apresenta uma nova configuração da seleção nacional, formada, agora, por atletas que defendem clubes do exterior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença do futebol dentro dos Jogos Olímpicos configurou-se pela disputa de poder entre o COI e a Fifa pelo controle das definições das regras do amadorismo. Um marco dessa disputa aconteceu após o Congresso de Praga (1925), quando, depois de estabelecido o consenso entre as federações internacionais quanto à definição de atleta amador, a Fifa mudou de posicionamento e passou a defender o pagamento pelo tempo de afastamento do trabalhador. Por conta dessa divergência, a Fifa e o COI romperam e o futebol foi eliminado do programa olímpico de 1932. No entanto, sua força política era tão grande que retornou ao programa esportivo nos Jogos de Berlim 1936, permanecendo desde então nos Jogos Olímpicos.

Cinco décadas depois, a entrada de João Havelange na presidência da Fifa em 1974 re-

presentou a continuidade e, até mesmo, o acirramento das disputas entre o COI e a Fifa pelo controle do futebol. Como estratégia, a Fifa procurou fortalecer a Copa do Mundo a fim de enfraquecer o futebol olímpico. Na entrevista realizada com Havelange em 2012, ele foi enfático ao ressaltar que foi um defensor da exclusividade do futebol, ou, em suas palavras: “Você não vai engordar o porco do outro e o seu morrer de inanição”. Portanto, a ação de Havelange no comando da Fifa foi extremamente planejada e ele sabia que, por meio de medidas restritivas, poderia garantir que os principais jogadores disputassem a Copa do Mundo, valorizando, portanto, o seu principal produto.

Como não poderia “engordar o porco do outro”, criou a Copa do Mundo para os atletas juniores também como forma de fomentar desde as categorias de base às diferenças entre o que representa o futebol de Copa do Mundo e o futebol olímpico. Por meio dessa ação, ele começava a criar desde cedo o interesse dos atletas em participar de uma Copa do Mundo, pois, se não fosse essa a intenção, o torneio para os atletas juniores teria periodicidade igual à do campeonato profissional (quatro anos) sendo, desde a sua criação, realizado a cada dois anos.

## BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. “Como É Possível Ser Esportivo?”, in Pierre Bourdieu. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- GIGLIO, Sérgio Settani. *COI x Fifa: A História Política do Futebol nos Jogos Olímpicos*. Tese de doutorado. São Paulo, Escola de Educação Física e Esporte da USP, 2013.
- \_\_\_\_\_. “Muito Mais do que um Jogo: Os Embates entre o COI e a Fifa pelo Controle do Futebol Olímpico”, in *Ciência e Cultura*, v. 66, n. 2. São Paulo, 2014, pp. 47-50.
- GIGLIO, Sérgio Settani; RUBIO, Katia. “As Relações entre o COI e a Fifa e a Formação da Copa do Mundo de Futebol”, in Sérgio Settani Giglio; Diana Mendes Machado da Silva. *O Brasil e as Copas do Mundo: Futebol, História e Política*. São Paulo, Zagodoni, 2014.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. 4ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- RIAL, Carmen. “Rodar: A Circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiros no Exterior”, in *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n. 30. Porto Alegre, 2008, pp. 21-65.